

**História Universal da Infância**  
**(1935)**

**Jorge Luis Borges**  
História Universal da Infâmia  
(1935)

Tradução  
José Bento

## Prólogo da primeira edição

Os exercícios de prosa narrativa que formam este livro foram executados de 1933 a 1934. Derivam, creio, das minhas releituras de Stevenson e de Chesterton e também dos primeiros filmes de Von Sternberg e talvez de certa biografia de Evaristo Carriego. Abusam de alguns processos: as enumerações díspares, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas. (Esse propósito visual rege também o conto «O homem da esquina rosada».) Não são, não procuram ser, psicológicos.

Quanto aos exemplos de magia que fecham o volume, não tenho outro direito sobre eles que os de tradutor e leitor. Por vezes creio que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores. Ninguém me negará que as peças atribuídas por Valéry ao seu mais-que-perfeito Edmond Teste valem manifestamente menos que as de sua esposa e amigos.

Ler, para já, é uma actividade posterior à de escrever: mais resignada, mais cortês, mais intelectual.

J. L. B.  
*Buenos Aires, 27 de Maio de 1935.*

## Prólogo da edição de 1954

Eu diria que barroco é o estilo que deliberadamente esgota (ou quer esgotar) as suas possibilidades e que atinge os limites da sua própria caricatura. Em vão Andrew Lang quis arremedar, a cerca de mil oitocentos e oitenta e tantos, a *Odisseia* de Pope; esta obra era já a sua própria paródia e o parodista não pôde exagerar a sua tensão. *Barroco* (*Baroco*) é o nome de um dos modos do silogismo; o século XVII aplicou-o a determinados abusos da arquitectura e da pintura do século anterior; eu diria que é barroca a etapa final de toda a arte, quando esta exhibe e delapida os seus meios. O barroquismo é intelectual e Bernard Shaw declarou que todo o labor intelectual é humorístico. Este humorismo é involuntário na obra de Baltasar Gracián; voluntário ou consentido, na de John Donne.

Já o título excessivo destas páginas proclama a sua natureza barroca. Atenuá-la teria equivalido a destruí-las; por isso prefiro, desta vez, invocar a sentença *quod scripsi, scripsi* (S. João, 19, 22) e reimprimi-las, após vinte anos, tal qual. São o jogo irresponsável de um tímido que não ousou escrever contos e se distraiu a falsear e tergiversar (sem justificação estética algumas vezes) histórias alheias. Destes ambíguos exercícios passou à tra-

balhosa composição de um conto directo – «O homem da esquina rosada» – que assinou com o nome de um avô dos seus avós, Francisco Bustos, e que conseguiu um êxito singular e um pouco misterioso.

No seu texto, que é de tom campestre, notar-se-á que intercalei algumas palavras cultas: vísceras, conversões, etc. Fi-lo, porque o compadre pretende ser fino ou (esta razão exclui a outra, mas é talvez a verdade) porque os compadres são indivíduos e não falam sempre como o Compadre, que é uma figura platónica.

Os doutores do Grande Veículo ensinam que o essencial do universo é a vacuidade. Têm plena razão no que se refere a essa mínima parte do universo que é este livro. Povoam-no patíbulos e piratas e a palavra *infâmia* desconcerta no título, mas sob os tumultos não há nada. Não é mais que aparência, que uma superfície de imagens; por isso mesmo pode agradar, talvez. O homem que o executou era bastante infeliz, mas divertiu-se a escrevê-lo; oxalá algum reflexo daquele prazer alcance os leitores.

Na secção «Etcétera» incluí três novas peças.

J. L. B.

*I inscribe this book to S. D.: English, innumerable and an Angel. Also:  
I offer her that kernel of myself that I have saved, somehow – the  
central heart that deals not in words, traffics not with dreams and is  
untouched by time, by joy, by adversities.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Em inglês no original, esta dedicatória que se poderá traduzir: «Dedico este livro a S. D.: Inglesa, inumerável e um Anjo. Também: ofereço-lhe aquele núcleo de mim mesmo que salvei – o íntimo coração que não se revela em palavras, não trafica com sonhos e que o tempo, a alegria e as adversidades não conseguem tocar.» (N. do T.)

## O atroz redentor Lazarus Morell

### A CAUSA LONGÍNQUA

Em 1517, o padre Bartolomé de las Casas teve muita pena dos índios que se extenuavam nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas e propôs ao imperador Carlos V a importação de negros, que se extenuaram nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas. A essa curiosa variação de um filantropo devemos factos infinitos: os *blues* de Handy, o êxito alcançado em Paris pelo pintor doutor oriental D. Pedro Figari, a boa prosa bravia do também oriental D. Vicente Rossi, o tamanho mitológico de Abraham Lincoln, os quinhentos mil mortos da Guerra de Secessão, os três mil e trezentos milhões gastos em pensões militares, a estátua do imaginário Falucho, a admissão do verbo *linchar* na décima terceira edição do Dicionário da Academia, o impetuoso filme *Aleluya*, a forte carga de baioneta conduzida por Soller à frente dos seus *Pardos y Morenos* no Cerrito, a graça da menina Fulana, o mulato que assassinou Martín Fierro, a deplorável rumba *El Manisero*, o napoleonismo corajoso e encarcerado de Toussaint Louverture, a cruz e a serpente no Haiti, o sangue das cabras degoladas pela catana do *papaloi*, a habanera mãe do tango, o candombe.

Além disso: a culpável e magnífica existência do atroz redentor Lazaruz Morell.

## O LUGAR

O Pai das Águas, o Mississípi, o rio mais extenso do mundo, foi o teatro digno desse incomparável canalha. (Álvarez de Pineda descobriu-o e o seu primeiro explorador foi o capitão Hernando de Soto, antigo conquistador do Peru, que entreteve os meses de prisão do inca Atahualpa, ensinando-lhe o jogo do xadrez. Morreu e por sepultura deram-lhe as suas águas.)

O Mississípi é um rio de peito vasto; é um infinito e escuro irmão do Paraná, do Uruguai, do Amazonas e do Orenoco. É um rio de águas mulatas; mais de quatrocentos milhões de toneladas de lodo insultam anualmente o golfo do México, descarregadas por ele. Tanta escória venerável e antiga construiu um delta, onde os gigantescos ciprestes dos pântanos crescem dos despojos de um continente em perpétua dissolução e onde labirintos de barro, de peixes mortos e de juncos dilatam as fronteiras e a paz do seu fétido império. Mais acima, no Arcansas e no Ohio, alongam-se terras baixas também. Habita-as uma estirpe amarelenta de homens esqueléticos, propensos à febre, que olham avidamente as pedras e o ferro, porque entre eles não há mais que areia e lenha e água turva.

## OS HOMENS

Nos princípios do século XIX (a data que nos interessa) as vastas plantações de algodão que havia nas mar-

gens eram cultivadas por negros, de sol a sol. Dormiam em barracas de madeira, sobre o piso de terra. Fora da relação mãe-filho, os parentescos eram convencionais e turvos. Tinham nomes, mas podiam prescindir dos apelidos. Não sabiam ler. A sua amolecida voz de falsete cantarolava um inglês de lentas vogais. Trabalhavam em filas, curvados sob o azorrague do capataz. Fugiam, e homens de fortes barbas saltavam sobre belos cavalos e cães próprios para caçar feras seguiam o seu rastro.

A um sedimento de esperanças irracionais e medos africanos tinham junto as palavras da Escritura: a sua fé, por conseguinte, era a de Cristo. Cantavam profundos e amontoados: *Go down Moses*. O Mississípi servia-lhes de magnífica imagem do sórdido Jordão.

Os proprietários dessa terra trabalhadora e desses bandos de negros eram ociosos e ávidos cavalheiros de cabeleira ao vento, que habitavam enormes casarões voltados para o rio – sempre com um pórtico pseudogrego de madeira de pinheiro-branco. Um bom escravo custava-lhes mil dólares e não durava muito. Alguns cometiam a ingratidão de adoecer e morrer. Havia que tirar desses bens instáveis o maior rendimento. Por isso os tinham nos campos desde que rompia o Sol até aos seus últimos raios; por isso exigiam das plantações uma colheita anual de algodão ou tabaco ou açúcar. A terra, fatigada e maltratada por essa cultura impaciente, ficava exausta em poucos anos: o deserto confuso e sujo de barro metia-se nas plantações. Nas chácaras abandonadas, nos subúrbios, nos exíguos canaviais e nos lodaçais abjectos, viviam os *poor whites*, a canalha branca. Eram pescadores, vagos caçadores, ladrões de cavalos. Aos negros costumavam mendigar pedaços de comida roubada e na sua degradação mantinham um orgulho: o do san-

gue sem fuligem, sem mistura. Lazarus Morell foi um deles.

## O HOMEM

Os daguerreótipos de Morell que costumam publicar as revistas americanas não são autênticos. Essa carência de genuínas efígies de um homem tão memorável e famoso não deve ser casual. É verosímil supor que Morell se negou à placa polida; principalmente, para não deixar rastros; de passagem, para alimentar o seu mistério... Contudo, sabemos que não foi formoso em jovem e que os olhos demasiado juntos e os lábios lineares não predispunham a seu favor. Depois, os anos conferiram-lhe essa peculiar majestade que têm os canalhas envelhecidos, os criminosos felizes e impunes. Era um cavalheiro antigo do Sul, apesar da infância miserável e da vida injuriosa. Não desconhecia as Escrituras e pregava com rara convicção. «Eu vi Lazarus Morell no púlpito», anota o dono de uma casa de jogo em Baton Rouge, Luisiana, «e escutei as suas palavras edificantes e vi as lágrimas acudir-lhe aos olhos. Eu sabia que era um adúltero, um ladrão de negros e um assassino diante da face do Senhor, mas também meus olhos choraram.»

Outro bom testemunho dessas efusões sagradas é o que fornece o próprio Morell. «Abri a Bíblia ao acaso, dei com um versículo apropriado de S. Paulo e preguei uma hora e vinte minutos. Tão-pouco desperdiçaram esse tempo Crenshaw e os companheiros, porque levaram todos os cavalos dos que estavam a ouvir. Vendemo-los no estado de Arcansas, excepto um avermelhado, muito garboso, que reservei para meu uso particular. Esse também agradava a Crenshaw, mas fiz-lhe ver que não lhe servia.»

## O MÉTODO

Os cavalos roubados num estado e vendidos noutra foram somente uma digressão na carreira delinquente de Morell, mas representavam antecipadamente o método que agora lhe assegurava o seu bom lugar numa História Universal da Infâmia. Este método é único, não só pelas circunstâncias *sui generis* que o determinaram, mas pela abjecção que requiere, pelo seu fatal manejo da esperança e pelo desenvolvimento gradual, semelhante à atroz evolução de um pesadelo. Al Capone e Bugs Moran operam com ilustres capitais e com metralhadoras servis numa grande cidade, mas o seu negócio é vulgar. Disputam um monopólio, eis tudo... Quanto ao número de homens, Morell chegou a comandar uns mil, todos ajuramentados. Duzentos formavam o Conselho Superior, que promulgava as ordens que os restantes oitocentos cumpriam. O risco recaía nos subalternos. No caso de rebelião, eram entregues à justiça ou arremessados ao rio volumoso de águas pesadas, com uma firme pedra nos pés. Com frequência eram mulatos. A sua fascinosa missão era a seguinte:

Percorriam – com um momentâneo luxo de anéis, para inspirar respeito – as vastas plantações do Sul. Escolhiam um negro desgraçado e propunham-lhe a liberdade. Diziam-lhe que fugisse ao patrão, para ser vendido por eles uma segunda vez, numa plantação distante. Dar-lhe-iam então uma percentagem do preço da sua venda e ajudá-lo-iam para outra evasão. Conduzi-lo-iam depois a um estado livre. Dinheiro e liberdade, dólares ressoantes de prata com liberdade – que melhor tentação poderiam oferecer-lhe? O escravo atrevia-se à sua primeira fuga.

O caminho natural era o rio. Uma canoa, o porão de um vapor, uma lancha grande, uma enorme jangada co-

mo um céu com um abrigo na borda ou com altos toldos de lona; não importava o lugar, mas o saber-se em movimento e seguro sobre o rio infatigável... Vendiam-no em outra plantação. Ele fugia outra vez para os canaviais ou para os barrancos. Então os terríveis benfeitores (de quem começava já a desconfiar) alegavam gastos obscuros e declaravam que tinham que vendê-lo uma última vez. Quando regressasse, dar-lhe-iam a percentagem das vendas e a liberdade. O homem deixava-se vender, trabalhava algum tempo e desafiava na última fuga o risco dos cães próprios da caça às feras e os açoitos. Regressava com sangue, com suor, com desespero e com sono.

#### A LIBERDADE FINAL

Falta considerar o aspecto jurídico destes factos. O negro não era posto à venda pelos sicários de Morell até que o primeiro dono não tivesse denunciado a sua fuga e oferecido uma recompensa a quem o encontrasse. Qualquer pessoa então podia apanhá-lo, de modo que a sua venda posterior era um abuso de confiança, não um roubo. Recorrer à justiça civil era um gasto inútil, porque os prejuízos nunca eram pagos.

Tudo isso era o mais tranquilizador, mas não para sempre. O negro podia falar; o negro, de tão agradecido ou infeliz, era capaz de falar. Umas canecas de uísque de centeio no prostíbulo de El Cairo, Illinois, onde o filho de uma cadela nascido escravo iria esbanjar esses pesos fortes que eles lhe davam sem motivo e aí se lhe escapava o segredo. Nesses anos, um Partido Abolicionista agitava o Norte, uma turba de loucos perigosos que negavam a propriedade e pregavam a liberdade dos

negros e os incitavam a fugir. Morell não ia deixar-se confundir com esses anarquistas. Não era um ianque, era um homem branco do Sul, filho e neto de brancos, e esperava retirar-se dos negócios e ser um cavalheiro e ter léguas de algodão e obedientes filas de escravos. Com a sua experiência, não estava para riscos inúteis.

O fugitivo esperava a liberdade. Então os mulatos tenebrosos de Lazarus Morell transmitiam entre si uma ordem que podia não passar de uma senha e livravam-no da vista, do ouvido, do tacto, do dia, da infâmia, do tempo, dos benfeitores, da misericórdia, do ar, dos cães, do universo, da esperança, do suor e dele mesmo. Um balázio, uma punhalada funda ou um soco, e as tartarugas e os barbos do Mississípi recebiam a última informação.

#### A CATÁSTROFE

Servido por homens de confiança, o negócio tinha que prosperar. Em princípios de 1834 uns setenta negros tinham sido «emancipados» já por Morell e outros estavam dispostos a seguir esses felizes precursores. A zona de operações era maior e era necessário admitir novos filiados. Entre os que prestaram o juramento havia um jovem, Virgil Stewart, do Arcansas, que se destacou rapidamente pela sua crueldade. Este jovem era sobrinho de um cavalheiro que tinha perdido muitos escravos. Em Agosto de 1834 quebrou o seu juramento e denunciou Morell e os outros. A casa de Morell em Nova Orleães foi cercada pela justiça. Morell, por uma imprevidência ou um suborno, pôde escapar.

Passaram-se três dias. Morell esteve escondido durante esse tempo numa casa antiga, de pátios com tre-

padeiras e estátuas, da Rua Toulouse. Parece que se alimentava mal e costumava percorrer descalço os grandes quartos escuros, fumando pensativos cigarros. Por um escravo da casa, remeteu duas cartas à cidade de Natchez e outra a Red River. No quarto dia entraram na casa três homens e ficaram a discutir com ele até ao amanhecer. No quinto, Morell levantou-se quando anoitecia e pediu uma navalha e barbeou-se cuidadosamente. Vestiu-se e saiu. Atravessou com lenta serenidade os subúrbios do Norte. Já em pleno campo, contornando as terras baixas do Mississípi, caminhou mais depressa.

O seu plano era de uma coragem ébria. Era o de aproveitar os últimos homens que ainda lhe deviam reverência: os escravos negros do Sul. Estes viram fugir os seus companheiros e não os tinham visto regressar. Acreditavam, portanto, na sua liberdade. O plano de Morell era uma sublevação total dos negros, a tomada e o saque de Nova Orleães e a ocupação do seu território. Morell, desvairado e quase desfeito pela traição, meditava numa resposta continental: uma resposta onde o criminoso se exaltava até à redenção e à história. Com esse fim, dirigiu-se a Natchez, onde era mais profunda a sua força. Copio a sua narrativa dessa viagem:

«Caminhei quatro dias antes de conseguir um cavalo. Ao quinto, parei num riacho para me abastecer de água e dormir a sesta. Estava sentado num tronco, a olhar o caminho percorrido nessas horas, quando vi aproximar-se um cavaleiro num cavalo escuro de boa pinta. Quando o avistei, resolvi tirar-lhe o cavalo. Pus-me de pé, apontei-lhe um belo revólver e dei-lhe ordem de desmontar. Ele executou-a, peguei com a canhota as rédeas, mostrei-lhe o riacho e ordenei-lhe que fosse caminhando para diante. Caminhou umas duzentas varas e deteve-se. Ordenei-lhe que se despisse. Disse-me: “Já que está disposto a matar-me, deixe-me rezar antes de

morrer.” Respon-di-lhe que não tinha tempo de ouvir as suas orações. Caiu de joelhos e desfechei-lhe um balázio na nuca. De um golpe, abri-lhe o ventre, arranquei-lhe as vísceras e atirei-o para o riacho. Depois, revistei os seus bolsos e encontrei quatrocentos dólares e trinta e sete cêntimos e alguns papéis que não me demorei a esquadrinhar. As suas botas eram novas, flamejantes e fi-cavam-me bem. As minhas, que estavam muito gastas, arremessei-as ao regato.

Assim obtive o cavalo de que precisava para entrar em Natchez.»

#### A INTERRUPÇÃO

Morell a capitanear motins negros que sonhavam enfor-cá-lo, Morell enforcado por exércitos negros que so-nhava capitanear – custa-me confessar que a história do Mississípi não aproveitou essas oportunidades sump-tuosas. Contrariamente a toda a justiça poética (ou si-metria poética) tão-pouco o rio dos seus crimes foi o seu túmulo. A 2 de Janeiro de 1835, Lazarus Morell fa-leceu de uma congestão pulmonar no hospital de Nat-chez, onde se internara com o nome de Silas Buckley. Um companheiro de enfermaria reconheceu-o. No dia 2 e no dia 4, quiseram revoltar-se os escravos de algumas plantações, mas foram reprimidos sem maior efusão de sangue.